

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Curso de Especialização em Transtornos do Espectro do Autismo

Andréa da Silva Xavier

**GAGUEIRA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO  
INTEGRATIVA**

Belo Horizonte  
2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Curso de Especialização em Transtornos do Espectro do Autismo

Andréa da Silva Xavier

**GAGUEIRA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO  
INTEGRATIVA**

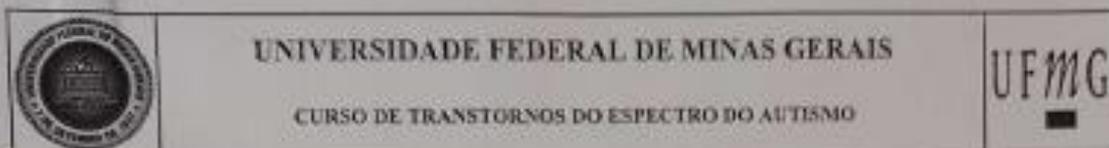
Monografia de Especialização em Transtornos do Espectro do Autismo, apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Transtorno do Espectro do Autismo.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Brandão de Oliveira e Britto

Belo Horizonte  
2022

150	Xavier, Andrea da Silva.
X3g	Gagueira e o transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa [recurso eletrônico] / Andrea da Silva Xavier. -
2022	2022.
	1 recurso online (17 f.) : pdf
	Orientadora: Denise Brandão de Oliveira e Britto.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Transtornos do Espectro do Autismo - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Autismo. 2. Fonoaudiologia. 3. Gagueira. 4. Distúrbios de fala. I. Britto, Denise Brandão de Oliveira e. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

## Ata de Defesa da Monografia



### ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DA ALUNA ANDREA DA SILVA XAVIER

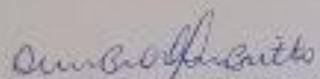
Realizou-se, no dia 03 de dezembro de 2022, às 10:00 horas, EEFPTO, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada *GAGUEIRA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA*, apresentada por ANDREA DA SILVA XAVIER, número de registro 2020666477, graduada no curso de FONOAUDIOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Denise Brandão de Oliveira e Britto - Orientador (UFMG), Prof(a). Nayara Caroline Barbosa Abreu (UFMG), Prof(a). Delma Aurelia da Silva Simão (UFMG).

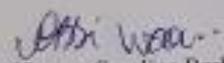
A Comissão considerou a monografia:

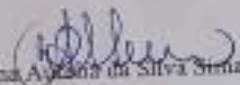
Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.  
Belo Horizonte, 03 de dezembro de 2022.

  
Prof(a). Denise Brandão de Oliveira e Britto ( Doutora )

  
Prof(a). Nayara Caroline Barbosa Abreu ( Mestre )

  
Prof(a). Delma Aurelia da Silva Simão ( Doutora )

Você nasceu duas semanas antes da minha entrevista com a Malu, entrevista essa que Malu teve a delicadeza de me permitir fazer online devido ao meu puerpério. Hoje você está com 3 anos (assim como o curso de especialização que se estendeu com a pandemia), mas é para você CATARINA que dedico essa conclusão. Sabemos que essa especialização há alguns meses tomou uma proporção diferenciada em nossas vidas, antes eu estudava para atender melhor aos meus pacientes, mas de uns tempos para cá, enxergar em você algumas singularidades, me fez repensar o quanto a vida nos leva para os caminhos certos. Amo você filha, assim como amo sua irmã Sarah e quero que saibam que antes de eu ser uma fonoaudióloga, sou a MÃE de vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

"Agradecer é admitir que houve um momento em que se precisou de alguém", mesmo soando clichê, cabe neste momento um agradecimento especial a Malu pelo acolhimento da "mãe recém parida" no dia da entrevista para que eu pudesse participar de forma igualitária do processo seletivo para o curso de especialização. Agradecer ainda pela concessão da bolsa de estudos para que eu pudesse sim dessa vez lograr o caminho da especialização (eu já havia sido aprovada 2 vezes e continuaria a tentar sempre pois queria muito estar aqui hoje). Finalizo sem palavras para agradecer pela terceira vez (uma na graduação, outra na pós-graduação em linguagem e agora na especialização em TEA), a minha Professora Denise, exemplo que sigo na fonoaudiologia e que Deus fez com que nossos caminhos novamente se cruzassem nessa especialização. Gratidão eterna Profa. Denise!

## **Resumo**

A gagueira é um distúrbio da fluência que pode acometer, com certa frequência, pessoas enquadradas no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse estudo buscou associar esse distúrbio motor da fala e o TEA, com base nas publicações científicas que abordam esses assuntos. Objetivo: levantar a produção científica acerca da gagueira em pessoas com transtorno do espectro autista. Métodos: foi realizado o estudo através de uma revisão de literatura, seguindo uma abordagem sistemática para mapear as publicações acerca do assunto em questão nas bases de dados de artigos científicos previamente determinadas, resultando em um número reduzido final de artigos, aos quais seriam estes os objetos dos resultados. Resultados: os resultados partiram de triagem prévia de leitura na íntegra dos artigos finais triados e chegado a descrição dos achados sobre o tema. Conclusão: embora existam publicações que fazem essa associação, novos estudos e pesquisas precisam ser desenvolvidos a fim de aprimorar essa relação e propor indicações de tratamentos e terapias eficazes para pessoas com TEA que, também, são acometidas de gagueira.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Gagueira; Distúrbios da fala

## **Abstract**

Stuttering is a language disorder that can often affect people with autism spectrum disorder (ASD). This study sought to associate this speech dysfunction and ASD, based on scientific publications that correlate these issues. The results indicate that, although there are publications that make this association, new studies and research need to be developed to improve this correlation and propose effective treatments and therapies for people with ASD who are also affected by stuttering.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder; Stuttering; Speech Disorders

## **Lista de figura**

Figura 1: Desenho metodológico da busca por artigos nas bases científicas ..... 15

## **Lista de tabelas**

Quadro 1: Artigos analisados na pesquisa .....	16
--	----

## **Lista de abreviaturas e siglas**

ASD Autism Spectrum Disorder

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DSM V Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders V

TDAH Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

TEA Transtorno do Espectro Autista

## **Sumário**

INTRODUÇÃO	12
MÉTODOS	13
RESULTADOS	16
DISCUSSÃO	18
CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	22

## Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio associado ao desenvolvimento neurológico que pode provocar disfunções em diversas áreas da vida do indivíduo. Alguns desses impactos podem atingir a linguagem, o desenvolvimento cognitivo, a interação social, o que acarreta diversas consequências para o convívio social da pessoa que sofre com esse transtorno (OLIVEIRA; MOREIRA; BRITTO, 2022).

De acordo com o DSM V - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders V (APA, 2014) o autismo é classificado em 3 níveis, sendo cada um com suas particularidades. O nível 1, são os indivíduos que requer menos suporte, porém nos aspectos de comunicação e relacional são os que apresentam maiores falhas e prejuízos. Relacionando os níveis (1, 2 e 3) com o objeto do nosso estudo, a hipótese da pesquisadora era que os indivíduos com TEA que apresentam gagueira concentram-se no nível 1 de suporte.

Segundo Oliveira e Sertié (2017) há uma estimativa de que as pessoas que fazem parte desse grupo de indivíduos, também, podem apresentar uma série de outras comorbidades, como hiperatividade, distúrbios de sono e gastrintestinais e epilepsia. As estatísticas dizem que o TEA afeta 1% da população e costuma ser quatro vezes mais incidente entre homens.

Dentre os distúrbios que podem estar associados ao TEA, inclui-se alterações nos aspectos de comunicação, entre eles os transtornos de fluência especialmente, a gagueira. A gagueira é uma alteração da fluência da fala que pode provocar dificuldades de comunicação, trazendo consequências para as atividades e participação das pessoas atingidas por essa disfunção, em sociedade (ROMANO; BELLEZO; CHUN, 2018). Cirilo *et al.* (2022) dizem que esse distúrbio pode estar associado ao TEA e, por isso, o diagnóstico é importante para que seja aplicado o tratamento mais adequado a cada caso.

A gagueira atinge cerca de 70 milhões de pessoas no mundo e representa cerca de 1% da população infantil de acordo com o relatado por Jakobovickz e Basbaum (2012).

O objetivo desse estudo foi levantar a produção científica acerca da gagueira em pessoas com transtorno do espectro autista.

### **Métodos**

Foi realizada uma revisão de integrativa, utilizando palavras-chave, com o intuito de analisar de que forma a gagueira e o TEA estão associados e como esse assunto vem sendo tratado pela comunidade científica. As revisões são um tipo de síntese de conhecimento que seguem uma abordagem sistemática para mapear evidências sobre um tópico e identificar os principais conceitos, teorias, fontes e lacunas de conhecimento sobre o assunto pesquisado (TRICCO, *et al.* 2018). A pergunta norteadora da pesquisa foi: “Qual a produção científica produzida relacionando gagueira com transtorno do espectro autista?” Os critérios de seleção dos artigos foram (1) se tratar de estudos com pré-escolares e crianças – 1 anos a 11 anos, 11 meses e 29 dias – que abordassem crianças e pré-escolares com TEA e gagueira.

A busca foi feita nas seguintes bases de dados: BVS, Medline via PubMed, Cochrane, Web of Science, Embase e Scopus, por meio do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), onde há uma quantidade representativa de material científico, com mais de 49 mil periódicos e 455 bases de dados (CAPES, 2022).

As palavras-chave utilizadas na busca foram: "Autistic Disorder" OR "Autism Spectrum Disorder" OR "Infantile Autism" OR Autism OR "Autistic Spectrum Disorder") AND (Stuttering OR "Childhood-Onset Fluency Disorder" OR "Childhood Stuttering" OR Stammering) AND (Child OR Children). A utilização de palavras em inglês possibilita o alcance maior de trabalhos científicos, uma vez que a maioria dos materiais disponíveis no portal da CAPES estão nesse

idioma. Foram utilizados os operadores booleanos OR e AND a fim de ajustar a busca ao escopo do estudo.

Foram encontrados 140 artigos, dois foram excluídos por duplicidade. Em seguida realizou-se a leitura dos títulos e resumos dos 138 artigos restantes. 127 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de seleção estabelecidos pela autora que se relacionavam com o tema. Dos 13 artigos eleitos para leitura na íntegra, oito preencheram os critérios e foram utilizados na revisão (Figura 1).

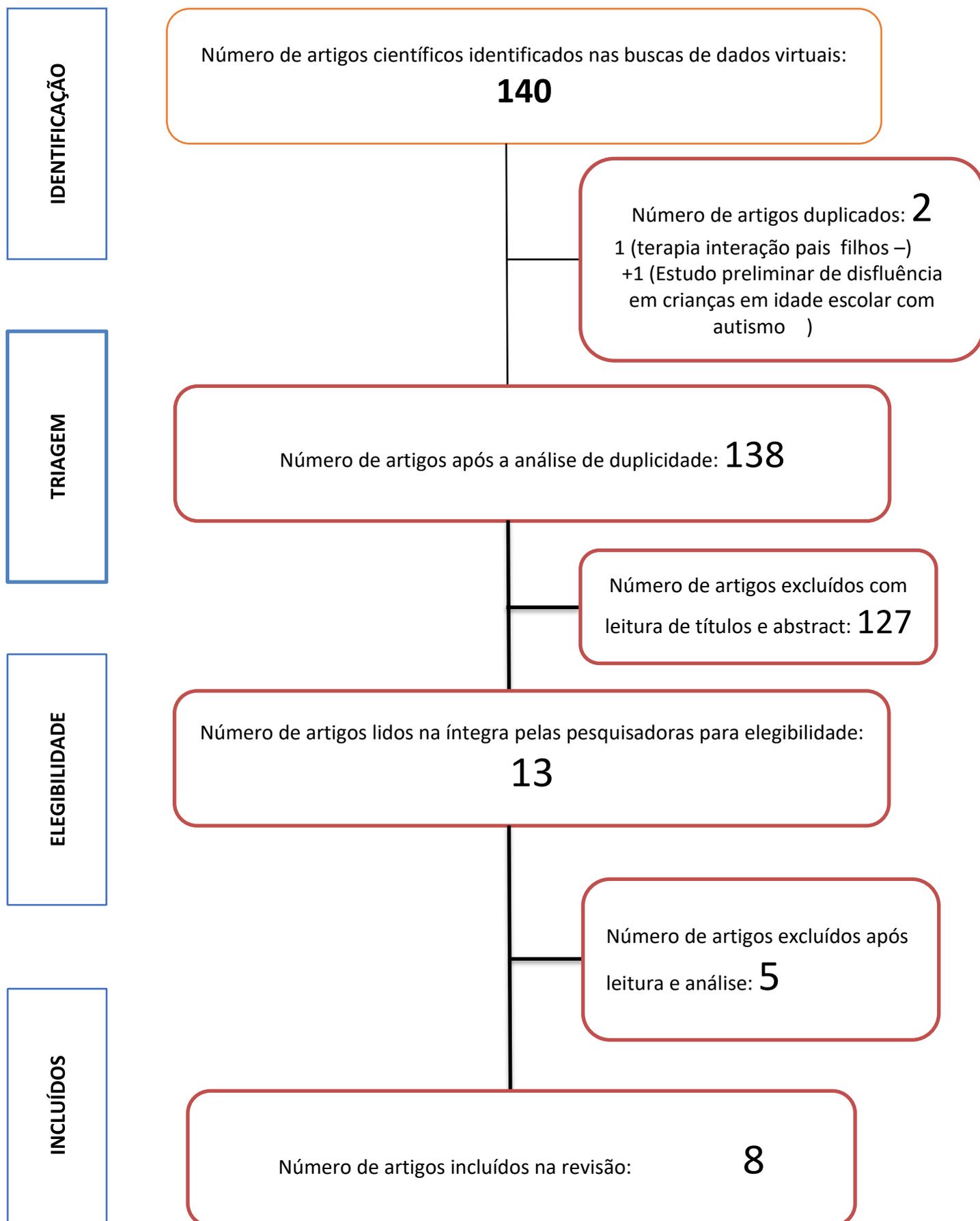


Figura 1 - Desenho metodológico da busca por artigos nas bases científicas

## Resultados

Após a análise dos artigos encontrados na busca, foi possível verificar que, apenas, oito corresponderam ao escopo da pesquisa.

O Quadro 1 demonstra as principais características dos artigos analisados.

Quadro 1 - Artigos analisados na pesquisa

Autor/Ano	País	Metodologia/público do estudo	Principais resultados
Heather MacFarlane, Kyle Gorman, Rosemary Ingham, Alison Presmanes Hill, Katina Papadakis, Ge'za Kiss, Jan van Santen (2017)	Estados Unidos	115 crianças com idade entre 4 e 8 anos, sendo: 51 com TEA, 44 crianças com desenvolvimento típico e 20 crianças com alteração específica de linguagem.	As crianças com TEA produziram uma proporção maior de desordem de conteúdo. Frequências relativas de repetições, revisões e falsas partidas não diferiram entre os grupos. Os autores relatam também que as crianças com TEA têm padrões de disfluência diferentes dos pares com distúrbio específico de linguagem ou desenvolvimento típico
Javad Alaghband-Rad, Naemeh Nikvarz, Mehdi Tehrani-Doost, Padideh Ghaeli (2013)	Iran	Relato de 2 casos de crianças (2 meninos, um com 9 e outro com 4 anos)	Os dois casos apresentados neste artigo sugerem que a medicação memantina pode induzir ou exacerba a gagueira ou pode causar dificuldades em iniciar a fala em pacientes diagnosticados com autismo. Os autores recomendam que todos os médicos devem estar cientes desse lado incômodo relacionado à fala efeitos da memantina ao decidir prescrever este medicamento para este público.
Julia Parish-Morris, Mark Y. Liberman, Christopher Cieri, John D. Herrington, Benjamin E. Yerys, Leila Bateman, Joseph Donaher, Emily Ferguson, Juhi Pandey, Robert T. Schultz (2017)	Estados Unidos	65 participantes verbais em idade escolar com TEA (49 meninos, 16 meninas, estimativas de QI na média intervalo) + um pequeno grupo de comparação de crianças com desenvolvimento típico (8 meninos, 9 meninas).	Pausas durante a conversa podem ser preenchidas com palavras como UM ou UH. As meninas usaram o HU com menos frequência do que os meninos. As taxas gerais de pausa preenchida foram maiores para crianças típicas do que para crianças com TEA. Uso de UM indicam melhor socialização em meninos com TEA.
Rachel Preston, Marie Halpin, Gemma Clarke, Sharon Millard (2022)	Inglaterra	Os participantes foram 3 crianças com TEA com idades entre 4 e 7 anos	As crianças apresentaram melhora com a terapia. Pais relataram redução do impacto da gagueira na criança e em si mesmos após a terapia. Pais relataram maior conhecimento sobre a gagueira e confiança no manejo após a terapia.

Patrick M. Briley, Sandra Merlo, Charles Ellis (2022)	Estados Unidos	A amostra composta 62.450 crianças, com idades entre 3 e 17 anos, identificadas pelos cuidadores com gagueira nos últimos 12 meses. Foram listados na pesquisa transtornos associados e entre eles estava o TEA.	A prevalência de gagueira no sexo feminino apresentou um pico aos 3 anos, enquanto o sexo masculino apresentou pico mais longo dos 4 aos 7 anos de idade. O estudo sugere ainda que comorbidades associadas devem ser pesquisadas tais como transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), TEA, epilepsia entre outros.
Sander Begeer, Marlies Wierda, Anke M Scheeren, Jan-Pieter Teunisse, Hans M Koot, Hilde M Geurts (2014)	Alemanha	Participaram 26 crianças e adolescentes com TEA sendo estes 23 meninos e 3 meninas.	Crianças e adolescentes com TEA trocaram palavras com menos frequência, mas produziram agrupamentos maiores do que o grupo de comparação. A flexibilidade cognitiva usadas atualmente sugerem estilos de fluência atípicos, eficientes, usados por indivíduos com TEA.
Ericka L. Wodka, Pamela Mathy, Luther Kalb (2013)	Estados Unidos	535 crianças com TEA com idade entre 8 e 12 anos, tendo como característica a não aquisição de fala e frases antes dos 4 anos.	Crianças com TEA e atraso de aquisição de linguagem atingiram a fala fluente aos 4 anos. Deve-se avaliar habilidades não verbais, tanto cognitivas quanto sociais, ao desenvolver intervenções e estabelecer metas para o desenvolvimento da linguagem. Deve-se investigar comprometimento cognitivo associado.
Heeyoung Parka, Dongran Wona, Haewon Kima, Seungha Songa, Hyun Sub Sima (2018)	Coreia do Sul	7 crianças denominadas com TEA de alto funcionamento, 6 crianças que gaguejam e 8 crianças do grupo controle. Todos os participantes com idade entre 6 e 8 anos.	Semelhante às crianças que gaguejam, as crianças em idade escolar com TEA são disfluentes em sua produção verbal, porém a ruptura no fluxo da fala não é observada na leitura.

## **Discussão**

Os resultados demonstram que os tipos de trabalhos encontrados, ao relatar a ocorrência de gagueira em crianças com TEA, são estudos de caso, utilizando como método a análise exploratória. Os artigos foram publicados entre 2013 e 2022, mostrando que esse assunto vem sendo pesquisado recentemente, nos últimos dez anos. Há predominância de estudos sendo desenvolvidos nos Estados Unidos, conforme indicam as pesquisas analisadas. Além disso, os resultados dos estudos analisados indicam a que há uma associação entre a gagueira e o TEA, principalmente, em crianças mais novas, que estão começando a formular palavras e frases.

Para autores como Beeger et al. (2014), deve-se ter em mente que a sociedade em que se vive em dias atuais, quando se bombardeia as crianças com muitas informações, acaba dificultando para que estas, sobretudo as que possuem TEA, consigam processá-las.

Existe um déficit de processamento de informação, que precisa ser considerado quando se elaboram estratégias que facilitem a aquisição da linguagem por crianças autistas (BEEGER et al., 2014). Curiosamente, atestam estes autores, tais crianças são capazes, muitas vezes, de produzir certa fluência atípica, ainda que eficiente, em questões de linguagem. Trata-se, então, de encontrar um caminho que supere as dificuldades na aquisição desta habilidade.

Briley et al. (2022) afirmam que distúrbios da linguagem, como a gagueira, afetam mais os meninos que as meninas. De acordo com os autores, há que se considerar que a gagueira é considerada persistente nas meninas a partir dos 5 anos de idade. Quanto aos meninos, percebeu-se que só se pode considerar persistente a gagueira que prossegue aos 8 anos de idade. Isto porque os picos em que este distúrbio aparece são diferentes de acordo com o sexo.

Briley et al. (2022) também apontaram para a necessidade de observar algumas comorbidades que podem contribuir para a gagueira, entre as quais estão a epilepsia ou o TEA. Além disso, para os mesmos autores, deve-se estar atento

a esta questão de maneira precoce, com a intenção de se diagnosticar se a gagueira é persistente ou se desaparece logo após o pico de idade que se apontou, tanto para meninos como para meninas. A partir do diagnóstico precoce pode-se desenvolver atividades que procurem solucionar o problema, tendo em conta, fique claro, as variantes como a epilepsia ou o TDAH, entre outros.

Preston et al. (2022) atentaram que deve-se considerar que crianças com TEA que apresentem distúrbios de comunicação, como a gagueira, sofrem muito mais na escola do que as demais, uma vez que as crianças ditas típicas escolhem se comunicar com outras crianças típicas e deixam de lado as que apresentam pouca fluência no momento da comunicação.

Os mesmos autores informam que nos anos do pré-escolar, sobretudo, faz-se uma grande distinção (por parte dos próprios educandos) entre os colegas que apresentam qualquer distúrbio na comunicação e os colegas ditos típicos. Assim, há consequências adicionais, informam Preston et al. (2022), para as crianças que apresentam gagueira. Praticamente 1/3 dos pais participantes da pesquisa informaram que os seus filhos sofreram provocações na escola, o que aumenta os desafios enfrentados por estas crianças bem como pelos seus genitores.

Deve-se prestar atenção ao fato de que as crianças com TEA já tem, por si só, dificuldades de adaptação social e interação com os colegas (sendo este sinal critério diagnóstico entre outros). Aliando-se a isto a gagueira ou qualquer outro distúrbio de comunicação, percebe-se por que as taxas de *bullying* são tão altas no que diz respeito a estes indivíduos.

Além disso, há que se ressaltar um dado importante. De acordo com os autores (PRESCOT et al., 2022), as dificuldades de aprendizagem ou de aquisição da linguagem por parte de crianças com TEA, muitas vezes aumentam à medida que o estresse parental aumenta. Certamente, tal taxa cresce se se considera que o bem-estar familiar diminui quando há casos como estes nas crianças. Se se compara as taxas de bem-estar familiar de crianças e pais em que há um membro da família com gagueira a de crianças e familiares com desenvolvimento

típico, vê-se que há importantes diferenças. Os mesmos autores informam que, em famílias onde uma criança sofre de gagueira ou qualquer outro distúrbio de comunicação, as chances de se desenvolver um transtorno de ansiedade são muito maiores.

Os autores (PRESCOT et al., 2022) informaram que das crianças com as quais se fez o estudo, pode-se afirmar que a primeira delas possuía uma gagueira leve ao início da pesquisa. Todavia, ela havia praticamente desaparecido ao final da terapia. O mesmo se pode dizer da criança de número 2. Por esta razão os autores puderam determinar que a confiança dos pais em gerenciar a gagueira, cresce enquanto a gagueira da criança diminui. Há uma relação, portanto, entre estes dois fatos. Tanto que a criança de número 3 não apresentou mudanças significativas no nível de sua gagueira ao final do estudo, sendo que os seus pais também não apresentaram crescimento no nível de autoconfiança quanto à gestão de tal distúrbio comunicativo.

MacFarlane et al (2017) apontou para os diversos pontos de disfluência na linguagem de crianças com TEA, destacando que os mais conhecidos foram as repetições, as pausas longas e as falsas partidas.

O uso de um medicamento em específico, a memantina que aparentemente é amplamente utilizado nos Estados Unidos para as crianças com TEA foi alvo do estudo de Rad et al. (2013), que aponta para os efeitos colaterais do mesmo, destacando que várias crianças medicadas com este desenvolveram dificuldade na fala ou na aquisição da linguagem, bem como início de gagueira.

Os autores (RAD et al., 2017) diferenciam dois tipos de gagueira, quais sejam, a de desenvolvimento e adquirida. De acordo com estes, se a primeira é um distúrbio que afeta a primeira infância e não traz grandes prejuízos, a segunda pode se dar a qualquer momento desde que induzida por medicamentos específicos. Entre estes, afirmam os autores, está a memantina. Assim, quando se passou a utilizar a memantina para amenizar os sintomas do TEA, não se prestou atenção a seus possíveis efeitos adversos, entre os quais estão a piora

da utilização da linguagem, tendo como efeito colateral a gagueira, afirmam os autores.

Morris et al (2017) em seu artigo que tratou sobre as possíveis estratégias de camuflagem no TEA no sexo feminino, destacam que as crianças tendem a utilizar UM ou UH para preencher as frases durante as conversas (hesitações). Há que se destacar, afirmam os autores, que meninos e meninas portadores de TEA utilizam estes dois sons de forma semelhante, embora pesquisas possam apontar o contrário. Isto porque, afirmam, tais pesquisas baseiam-se em preconceitos de gênero a respeito como se devem comportar as meninas, fazendo com que fosse camuflada a resposta que dão a questões específicas e a forma como produzem os seus discursos.

Finalmente, o trabalho de Parka (2017), aponta para o fato de que diversas crianças que possuem TEA e são gagas, não apresentam sintomas da gagueira durante a leitura. Tal achado, afirmam os autores, sugere que devam ser levadas em conta as características da TEA durante a terapia de modo a favorecer o processo terapêutico eliminando assim ansiedade de fala inerentes aos pacientes que gaguejam.

### **Conclusão**

A pesquisa feita nas bases de dados científicas, presentes no Portal da CAPES, mostrou que existe ocorrência de gagueira em crianças com transtorno do espectro autista. Essa relação fica evidente nos artigos analisados, que demonstram as pesquisas desenvolvidas com autistas que apresentam gagueira.

Pela quantidade de artigos encontrados, é evidente a necessidade do aumento de pesquisas sobre o assunto para que o tratamento correto e eficaz possa ser indicado. A melhoria nesse quadro disfuncional pode contribuir para a melhor socialização da pessoa com TEA, que apresenta distúrbio da fluência, como a gagueira. Novos estudos podem abordar os tratamentos e terapias mais eficazes para o tratamento específico da gagueira em crianças com TEA.

## Referências

APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM-5. American Psychiatric Association, tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BEGEER, S.; WIERDA, M.; SCHEEREN, A. M.; TEUNISSE, J. P.; KOOT, H. M.; GEURTS, H. M. Verbal fluency in children with autism spectrum disorders: Clustering and switching strategies. **Autism**, v. 18, n. 8, p. 1014–1018, 2014.

BRILEY, P. M.; MERLO, S.; ELLIS, C. Sex Differences in Childhood Stuttering and Coexisting Developmental Disorders. **Journal of Developmental and Physical Disabilities**, v. 34, p. 505–527, 2022.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Disponível em: <https://www-periodicos-capes.gov.br/ezi/periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html>. Acesso em: 10 nov. 2022

CIRILO, B. M.; VIEIRA, A. K. B.; LARA, J. B.; NOGUEIRA, G. D. R.; BRITTO, D. B. O. Classificação Internacional de Funcionalidade e transtornos da linguagem: revisão integrativa da literatura. **Distúrbios da Comunicação**, v. 34, n. 1, p. 1-10, 2022.

JAKUBOVICZ, R.; BASBAUM, F.T. **Tratamento da Gagueira na criança: exercícios práticos para construir a fluência**. Rio de Janeiro: Revinter, 2012. p. 5

MACFARLANE, H.; GORMAN, K.; INGHAM, R.; HILL, A. P.; PAPADAKIS, K.; KISS, G.; SANTEN, J. V. Quantitative analysis of disfluency in children with autism spectrum disorder or language impairment. **PLoS ONE**, v. 12, n. 3. p. 120, 2017.

MORRIS, J. P.; LIBERMAN, M. Y; CIERI, C. HERRINGTON, J. D.; YERYS, B. E.; BATEMAN, L.; DONAHER, J.; FERGUSON, E.; PANDEY, J.; SCHULTZ, R. T. Linguistic camouflage in girls with autism spectrum disorder. **Molecular Autism**, v. 8, n. 48, p. 1-12, 2017

OLIVEIRA, J. J. R.; MOREIRA, I. A.; BRITTO, D. B. O. Benefícios da orientação familiar nas dificuldades comunicativas de crianças com transtornos do espectro do autismo: revisão integrativa da literatura. **Distúrbios da Comunicação**, v. 34, n. 1, p. 1-10, 2022.

OLIVEIRA, K. G.; SERTIÉ, A. L. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein**, v. 15, n. 2, p. 233-238, 2017.

PARKA, H.; WONA, D.; KIMA, H.; SONGA, S.; SIMA, H. S. Disfluency Characteristics of School-Age Children with High-Functioning Autism Spectrum Disorders. **Communication Sciences & Disorders**, v. 23, n. 2, p. 436-450, 2018.

PRESTON, R.; HALPINB, M.; CLARKEB, G.; MILLARDA, S. Palin parent-child interaction therapy with children with autism spectrum disorder and stuttering. **Journal of Communication Disorders**, v. 97, p. 1-14, 2022.

RAD, J. A.; NIKVARZ, N.; DOOST, M. T.; GHAEI, P. Memantine-induced speech problems in two patients with autistic disorder. **Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 21, n. 54, p. 1-3, 2013.

ROMANO, N.; BELLEZO, J. F.; CHUN, R. Y. S. Impactos da gagueira nas atividades e participação de adolescentes e adultos. **Distúrbios da Comunicação**, v. 30, n. 3, p. 510-521, 2018.

TRICCO, A. C.; LILLIE, E.; ZARIN, W.; O'BRIEN, K. K.; COLQUHOUN, H.; LEVAC, D.; MOHER, D.; PETERS, M. D. J.; HORSLEY, T.; WEEKS, L.; HEMPEL, S.; AKL, E. A.; CHANG, C.; MCGOWAN, J.; STEWART, L.; HARTLING, L.; ALDCROFT, A.; WILSON, M. G.; GARRITTY, C.; LEWIN, C.; GODFREY, C. M.; MACDONALD, M. T.; LANGLOIS, E. V.; WEISER, K. S.; MORIARTY, J.; CLIFFORD, T.; TUNC, O.; STRAUS, S. E. PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. **Annals of Internal Medicine**. p. 1-19, 2018.

WODKA, E. L.; MATHY, P.; KALB, L. Predictors of Phrase and Fluent Speech in Children with Autism and Severe Language Delay. **Pediatrics**, v. 131, n. 4, p. 1128-1134, 2013.